



Revista de Guimarães

Publicação da Sociedade Martins Sarmiento

INQUÉRITO PAROQUIAL DE 1842 - S. MARTINHO DE FAREJA.

(sem indicação de autor)

Ano: 1998 | Número: 108

Como citar este documento:

(sem indicação de autor), Inquérito paroquial de 1842 - S. Martinho de Fareja. *Revista de Guimarães*, 108 Jan.-Dez. 1998, p. 255-276.

Casa de Sarmiento
Centro de Estudos do Património
Universidade do Minho

Largo Martins Sarmiento, 51
4800-432 Guimarães
E-mail: geral@csarmiento.uminho.pt
URL: www.csarmiento.uminho.pt



Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional.
<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

S. Martinho de Fareja

Guimarães — Inquérito paroquial de 1842

Revista de Guimarães, n.º 108, 1998, pp. 255-276

1º Fareja ocupa um terreno assaz desigual em sua posição e irregular em sua extensão. Limitada pelo Poente pelas fraldas do monte denominado da Lapinha, estende-se pelo Nascente por todo o monte do nome da freguesia até o Pico conhecido aqui pelo Rio Bouças (ignoro o seu nome histórico) do nome da ponte, que atravessa junto à vila de Fafe, denominada a ponte de Bouças. Ambos estes montes da Lapinha e Fareja, que ficam quase paralelos na altura, e distam um do outro quarto de légua, estão sobranceiros à parte mais considerável da freguesia de maneira que entre eles, no fundo, está situada de Norte a Sul um estreita ribeira, que compreende a melhor porção de terreno e porventura a quase totalidade da população da freguesia. Não me ocuparei com o local do monte da Lapinha, cujas fraldas a freguesia apenas toca. O monte porém de Fareja é circunscrito pelo Nascente pelo mencionado Rio Bouças; entesta pelo Sul com os limites dessa estreita ribeira, que lhe fica intermédia, e o monte da Lapinha é limitado pelo Poente pela mesma, e dilata-se pelo Norte até o monte de Santo Antonino da freguesia de Vila Nova de Infantas.

Daqui se infere, que as vertentes ao Poente são para a ribeira que se disse situada de Norte a Sul, e as vertentes ao Nascente para o rio, cuja margem esquerda é formada pelas fraldas do monte. O cume deste monte domina toda a freguesia, tanto ao Nascente como ao Poente; dele se descobre ao Poente, na distância de quarto de légua, o monte e capela da Senhora da Lapinha da freguesia de S. Lourenço de

Calvos do concelho de Guimarães, ao Nascente, em distância de três quartos de légua, a capela de S. Salvador colocada no pico da serra do mesmo nome, da freguesia de Armil, do concelho de Fafe. Esta serra é muito pedregosa, de difícil acesso, e já foi abundante de caça de coelho e perdiz. Ao Norte, em distância de quarto de légua, o monte e capela de Santo Antonino mártir, sobrinho de Teodorico Rei de Aragão (e não Teodorico arcebispo de Florença como erradamente se tem crido ser este o que ali se venera), nos limites da freguesia de Vila Nova de Infantas, concelho de Guimarães, ao Sul, em distância de quarto de légua, o monte e capela de Santa Cruz, junto da Quinta do Avelar, há cento e cinquenta anos dos monges de Pombeiro, e desde então para cá a propriedade da Casa de Fimdevila de Jogueiros, por compra, que em tempo fizeram aos ditos monges, cuja quinta se faz notável por um pinheiro descomunal que se avista da Serra da Agrela em distância de mais de cinco léguas. Na mesma direcção, em distância de meia légua, descobre-se o monte e templo de Santa Quitéria, cuja história é bem sabida, sobranceira à povoação e freguesia de Margaride e a tiro de bala do dito templo de Santa Quitéria; nas fraldas do mesmo monte, ao Nascente, mas já na freguesia de Sendim, do mesmo concelho de Felgueiras, a casa de Serguide, antiquíssimo Solar dos Coelho como consta da Corografia de Carvalho, ora quase em ruínas! Finalmente avista-se ao Sudoeste o majestoso edifício dos extintos monges de Pombeiro já meio demolido!!! Pombeiro era um dos mais célebres mosteiros beneditinos, a sua arquitectura e a sua igreja merecem a admiração dos entendedores e amadores da arte; dista de Fareja um quarto de légua; dista esta freguesia uma légua da vila de Guimarães, outra da de Fafe, quatro da cidade de Braga, quatro da de Penafiel, oito da do Porto.

2º Bem sabido é que a temperatura do clima é alterada, ou modificada pelas diversas estações do ano. A Primavera risonha e linda regularmente trás consigo uma excelente temperatura. A ela desperta a natureza: árvores, arbustos, plantas começam a remoeçar, e coberta de flor e viço oferecem à vista o variado quadro de um vasto jardim. Nesta quadra não costuma a chuva ser incessante, nem tempestuosa,

há contudo dias ásperos e frígidos principalmente soprando o Norte. Se no princípio da Primavera o calor é imoderado antecipam-se as árvores a brotarem, e correm depois o risco de serem queimadas pela geada, ainda que não seja excessiva e assaz suficiente para tolher a fruta mimosa como damasco, e pêsego, etc. e quando é mais duradoura o mesmo vinho impedindo que as vides borbulhem, ou lambendo os gomos já nados. Pode dizer-se que por todo o tempo da Primavera, rigorosamente, não há geada, mas um orvalho gélido, que produz a esterilidade das frutas e vinho, especialmente nas margens de rios, ribeiros e terras em demasia assentadas. Acontece, ainda que raras vezes, chover no mês de Abril e Maio uma água-neve que é prejudicial a todo o grão de saruga, assim como alguns anos no mês de Junho se condensam nevoeiros, ou chovem chuvas aterradoras, que prejudicam o vinho e azeite por lhe estorvar de expelir a flor, que se lhe pega e o mói, ou como dizem os lavradores, por o não deixar abrir.

O Estio trás um calor intenso, que quase sempre é modificado por uma brusca bafagem, a favor da qual se suporta sem o maior incómodo. As trovoadas são regulares desde o princípio desta quadra até o meado de Julho. Quase todas são precedidas e acompanhadas de ventos, muitas desatam em grossos chuveiros, que passam rapidamente sem outros estragos mais que um ou outro campo de milho atupido ou escavado pelas enxurradas, as de saraiva são de todas as mais devastadoras: é metralha, que produz estragos consideráveis, esfarrapa as folhas do milho, pisa-lhe o tronco, corta vergôntes às vides, deixando-as fracas por dois ou mais anos, e tem chegado a quebrar os vidros das janelas, e mesmos os caixilhos. Contudo neste clima, geralmente, são mais úteis que nocivas as trovoadas, pela salubridade que, em meses tão calmosos, acarretam aos vegetais, aos homens e aos brutos. São desconhecidos aqui desastres de faíscas eléctricas.

O Outono é a quadra querida dos lavradores, em que recolhem com o trabalho o fruto dos seus santos suores, como lhe chama o nosso Sá de Miranda. Nesta quadra a natureza despoja-se das suas

galas e como que adormece; a sua temperatura é de todas a mais sensivelmente alterada, às vezes o Outono, em princípio, é tão quente e de tanto sol que mais parece uma continuação do Estio o que torna o ano mais abundante porque apura o milhão seródio e até dá lugar a óptimas colheitas. Do meado, porém, de Outubro por diante começa a atmosfera a alterar-se sensivelmente para fria, começam as chuvas, as tempestades, as geadas, de maneira que é axioma proverbial dos velhos, desde os Santos ao Natal ou vem chover, ou vem nevar.

O Inverno é a mais inclemente das estações, apresenta-se carrancudo, chuvoso, e frio, os ventos remexem de todos lados ainda que são mais sensíveis o Sul pela chuva que acarreta, e o Norte pelo desabrido frio com que nos açouta. As chuvas duram de ordinário muito e quando cessam é a geada excessiva, compenetra-se na terra, e forma uma espécie de crusta tão escorregadia que faz ter cautela a quem não quer estender-se no chão. No maior grau de frio bem se pressente próxima nevada, vê-se então peneirar o ar flocos de neve que alcatifam a terra de branco, mas derrete momentaneamente, sem que tolha a pastagem aos gados, a quem é nociva se os surpreende nos pastos; são frequentes no Inverno espessos e cerrados nevoeiros, que enlutam a natureza assemelhando à noite dias inteiros. Conquanto pareça bárbaro, tal qual venho de o descrever se requer o Inverno para que seja regular e o ano benigno, tal é o quadro das estações e o clima da freguesia acomodado a cada uma delas.

3º Na direcção de Norte a Sul tem a freguesia um quarto de légua de extensão exactamente aquela mesma que tem a ribeira descrita na primeira resposta; ao Sul forma um ângulo e, naturalmente, demarcada pelo rio, caminha ao Nascente na extensão de meia légua; ali forma outro ângulo e se dirige ao Poente na extensão de três quartos de légua, onde remata em outro ângulo, ou quase ângulo, vindo por isso a descrever como um triângulo e a ter mais extensão do Sul a Nascente, e ainda mais de Nascente a Poente do que de Norte a Sul.

4º Confina pelo Nascente com a freguesia de Cepães do concelho de Fafe, pelo Poente com a de S. Lourenço de Calvos, pelo Norte com

a de Vila Nova de Infantas, pelo Sul com a de S. Miguel de Cerzedo: as três últimas do concelho de Guimarães.

5º Não há vilas, nem dos diferentes lugares da freguesia se podem obter as etimologias das suas denominações, as quais pela maior parte não têm analogia com os lugares que designam, antes são com poucas excepções arbitrárias e extravagantes, como a cada passo se observa em casais anovados.

6º Não há lugares distintos e por isso a este interrogatório parece satisfazer o mapa estatístico apenso.

7º Os animais quadrúpedes existentes na classe dos domésticos são: bois, novilhos (com o nome de touros), cavalos, éguas, machos, mulas, jumentos, ovelhas, porcos, coelhos mansos, cães, podengos, perdigueiros, gozos ou da porta, gatos (não se faz uso de vacas e cabras). Na classe dos bravos: raposas, gato bravo (com o nome de morto), tourão, doninha, fuinha, coelho bravo, lebre, ratazana, rato, rato-musgo, texugo, ouriço-cacheiro, lontra (anfíbia).

Aves domésticas: galinha, galo, frango, peru, pato, ganso, parreco, pombas bravias, indígenas e de arribação. Na classe das primeiras: perdiz, pega, pato, pintarroxo, pintassilgo, pisco, pica porco, coruja, cotovia, gaio, laverca, melro, mocho, chasco, carriça, milhafre, verdelhão, pardal (pouco mais conhecido e esses não os posso designar, porque lhes não sei as denominações). Na classe das segundas: galinhola, rola, pombo-troca, papafigo, tordo, narceja, torninho, sombria, taralhão, gaivota, ganso bravo. Estas últimas duas só procuram as margens de rios, ribeiros e lameiras, sem dúvida porque só nelas encontram comodidades e sustento próprio (esqueci-me de classificar entre os pássaros indígenas o melodioso rouxinol).

Répteis: cobra (anfíbia), sardão, lagarto, sapo (anfíbio), toupeira, saramela, bichapinta (ignoro-lhe outra denominação).

Insectos: abelhas, zangão, vespa, vespão, cigarra, mosca de cão, de cavalo, cantarida e mais espécies que não sei designar, moscardo, mosquito, gafanhoto, escaravelho, vacaloura (nas inflamações dos peitos provenientes de partos trazem as mulheres pendente do colete

o cornipo esquerdo deste animalejo), aranha, carraça, carrapato, piolho, pulga, percevejo, formiga, formigão (tem asas).

Os vermes mais conhecidos pelos seus efeitos são: gorgulho, traça, um célebre morcãozinho que corrói e apodrece a fruta, a minhoca com que se isca o anzol para engodo dos peixes.

Peixes: enguia, truta, barbo, escaló, boga.

Árvores frutíferas: castanheiros (dá castanhas, enxertado em soutos, em campos, não enxertado, entropa-se, e amanha-se para vinho) pereira de amorim, de baguim, de Cristo, parda, correia, cornicabra, romã, etc. macieira, parda de rosa, sempre noiva, repinalda, martingil, etc. cerejeira, biscal, pedral, negra, gingeira, ameixoeira do S. João, carangueja branca, negra, encarnada, etc. laranjeira: agre, doce; limoeiro, pessegueiro de apartar o caroço, branco, vermelho, amarelo, damasqueiro nespereira. Infrutíferas e silvestres: carvalho ordinário (dá bolotas ou landes para os porcos e também se amanha nos campos para vinho) cerquinho, choupo, salgueiro, sobreiro, sabugueiro, escalheiro (nele se enxertam as pereiras) sobreiro, loureiro, pinheiro, amieiro, cedro, cipreste, palmeira (posto que as três últimas não são silvestres, classifico-as entre as infrutíferas).

Arbustos: alecrim ordinário, trovisco [*ilegível*], giesta, torga, tojo, silva, gilbardeira, jasmim silvestre, buxo, murta, vime.

Flores: rosa vermelha, branca, rajada, cor de vinho, amarela, etc., cravos encarnados, vermelhos, roxos, pintos, brancos, patifar (sic), girofle, etc., ranúnculos vermelhos, amarelos, salsados, anémonas, tulipas dobradas singelas, borboletas muito variadas, junquilha branca, roxo, perpétua vermelha, amarela, goivo dobrado, singelo, vermelho, roxo, amarelo.

Ervas odoríferas: alfáfega, segurela, mangericão, alfavaca (impropriamente). Plantas: hortaliça, couve galega, repolho, tronchuda, alface, nabiça, cebola, pepinos, salsa, couve-nabiça. Ervas para penso dos gados: erva molar, erva galega, trevo, língua de ovelha. Ervas bravas: fetos (servem particularmente para se

chamuscarem os porcos), grama da terra (há inumeráveis de que me não é possível dar notícia).

Ervas medicinais: abrótea, avenca, arruda, absíntio, cidreira, melissa, artemísia, hera terrestre, erva molarinha, erva turca, bordana, morangos (fragaria), hortelã comum, pimenta, mourisca, malva, malvão altea, macela, orégãos, língua cervina, língua de vaca (labaças), tormentila, violas roxas, mostrasto, urtiga, trevo, salva etc.

Tortulhos: míscaros (aparecem nas devesas), frades (assim chamados por fazerem a figura de um guarda-chuva, ou chapéu de frade desabado, aparecem nos campos). Dos tortulhos ou cogumelos tem resultado envenenamentos, e mortes. Há outros que se podem chamar parasitas, que nascem na podridão das árvores, estes não se comem.

Não há que observar acerca das batatas, senão que muito poucos as cultivam por um desleixo indesculpável.

Ervas parasitas: hera, musgo (não conheço mais). Julgo muito essencial advertir, que a classificação que fiz dos vegetais nem é própria, nem científica mas como não sou versado na matéria julguei mais conveniente classificá-los assim e pela vulgar nomenclatura, porque do contrário, nem seria entendido, nem eu mesmo me entenderia. Das árvores, arbustos, e flores cultivadas não será mais fácil me haja alguma escapado, mas das ervas e flores, que vão por uns prados tão variadamente matizados na estação das flores nem eu sei dar notícia, nem achei quem mais versado em botânica me esclarecesse, e não pareça estranho, que entre os arbustos, e flores cultivadas deixe de enumerar algumas, hoje muito vulgares, pois que não há aqui, um único curioso de jardinagem, nem aparece em toda a freguesia uma horta jardinada.

Géneros que produz: milho, milho alvo, centeio, trigo, painço, feijão, linho, vinho (péssimo), azeite. Não duvido, que também produzisse cevada em abundância, bem como que não seria terra imprópria para melões e melancias, mas desgraçadamente é coisa que nunca vi em terra de Fareja. O vestuário é simples e grosseiro, socos, pantalona, colete, jaqueta, chapéu de palha, ou de pano grosso. De

Inverno voga saragoça e varas, de Verão, tomentos e estopa. O asseio feminil corresponde àquele. Não há gente do grande tom, porém os lavradores já querem arremedar no vestir os polidos cidadãos e nos dias de gala já trajam seus casacos e sobrecasacos curtos, alvas, camisas de pregas, mas verifica-se neles o seu adágio. Não diz a letra com a careta.

A produção de milho e vinho será proporcionada ao consumo atendendo a que a maior parte dos proprietários tem fora da freguesia as suas casas, e para elas fazem conduzir, pelos seus caseiros estes géneros, que é o forte de produção. Dos outros géneros é muito escassa, e de algum (por exemplo de azeite) quase estéril, e portanto a produção destes não tem proporção nenhuma com o seu consumo.

A pesca e caça são livres, e havendo-a de todas as espécies que ficam designadas nesta resposta nada mais posso observar senão que os coelhos, lebres, ou perdizes e peixes vão diminuindo à proporção, que os caçadores e pescadores vão crescendo, pois que os vadios simpatizam com este divertimento, que não deve tolerar-se senão em pessoas nobres, ou abonadas.

Não há minas metálicas. O monte é cheio de penedos, que se elevam monstruosamente, e além disso todo lajeado, mas a pedra é de galho tão grosso, e de tal sorte dura, que raro é encontrar-se penedo, meio quebrado ou escarações que dêem indícios de se haver tirado pedra.

Em remate desta resposta: não se tira, nem tirar-se pode nenhuma utilidade dos objectos referidos. Somente o terreno era susceptível de mais produção, se a classe agrícola fosse mais industriosa no granjeio das terras, de que podia tirar mais partido e vantagens renunciando estúpidas rotinas, de que tanto se presume, em seu próprio dano.

8º Era Fareja até o ano de 1834, parte do concelho de Guimarães, parte do concelho e honra de Cepães. Ainda existem os padrões que a demarcam, e vinha a ser de Cepães desde o lugar do marco inclusive, que é nos limites da freguesia ao Sul, até a limitada freguesia ao Nascente, compreendendo a maior parte do monte de

Fareja, pelo que em extensão podia reputar-se três partes do concelho de Cepães e uma do de Guimarães, e vice-versa na produção e população. Hoje é toda do concelho de Guimarães. Era até a mesma data de 1834 da jurisdição militar do governo das Armas do Minho, e eclesiástica da comarca eclesiástica de Braga, actualmente do distrito administrativo de Braga, arciprestado de Guimarães.

Os impostos da coroa são décimas e maneios. Subsídio literário, do município, real de água, sexto da décima, na qualidade de contribuição directa, impostos aos víveres na qualidade das indirectas, eclesiásticos: cõngrua ao pároco.

9º Não há edifícios sumptuosos e notáveis, contudo não passarei em silêncio a Casa da Cruz da extinta congregação da missão situada nas fraldas do monte da Lapinha, fundada pelo padre José Simões (se é exacta a informação que do seu nome tive) e dotada por um ascendente da Casa do Ribeiro de Calvos da freguesia de Gémeos do concelho de Guimarães. Toda a sua arquitectura, a da mesma igreja, é simples e moderna como se depreende do seu gosto, e com mais certeza da segunda, que se vê na nave esquerda que faz face no terreiro, que diz: Feita no ano de 1746. Existiam ali vários legados pios, tais como duas missas diárias ditas à hora certa e determinada, e uma escola ou ensino público de primeiras letras, cuja falta se sente desde a sua extinção, e tanto mais, quanto nesta freguesia e circunvizinhas não há uma cadeira do dito ensino, deixando por isso muitos meninos de aprenderem a ler, e de se tornarem talvez cidadãos úteis a si e à Pátria, e notando-se um geral embrutecimento, pois só algum filho de pessoas mais abonadas é que aprende a ler e escrever o seu nome, porque aos outros faltam as *condições*, e os meios para poderem manter seus filhos fora de casa, quando todos ou quase todos aprenderiam, e efectivamente aprendiam, se comodamente ali o pudessem fazer. Não há mais que responder a este interrogatório.

10º Não há pontes no rio, nem estradas reais, só no regato, que há-de ser descrito na resposta imediata; há várias padieiras e traves que são atravessadouros particulares da freguesia. Existem nos limites do monte de Fareja ao Sul, nas suas fraldas, uns pinhais, denominados

da igreja uns, porque são pertença da fazenda da igreja, e outro da Casanova por pertencer a esta casa, e este é tapado e tem pelo meio carvalhos, touças, escalheiros, e outros arbustos silvestres, pelo que se chama também a mata da Casanova.

Quanto à extensão de terreno cultivado, comparativamente marcado com o inculto, calculo que dividida a freguesia em quatro partes serão três de terreno inculto, e uma de cultura.

Há no monte de Fareja um não muito elevado outeiro, denominado de S. Silvestre, cuja etimologia, em outra resposta se verá. Não há terras maninhas, nem abundância de matos, porque não obstante o monte ser muito extenso, é como se ponderou na 7ª resposta cheio de penedos e lajedo.

Além de haver escassez de lenhas, naturalmente vai diminuindo à medida que os alambiques se vão generalizando. Há suficientes águas de regas ainda mesmo nas terras que são regadas com água de presas.

11º Além do rio de que se falou na 1ª e 3ª resposta, e que é a demarcação natural da freguesia pelo Nascente, não há outro a descrever. Este tem a sua origem na Serra da Lagoa, duas léguas distante de Fareja, passa como se disse junto da vila de Fafe e corre em local de Fareja, ou antes na sua extrema, de Nascente a Sul, na extensão de quase meia légua, em leito sinuoso, sumindo-se de Verão, aqui e ali, por entre penedos. De Inverno ensoberbece e se precipita com estrondo de alcantiladas penedias, oferecendo à vista a agradável perspectiva de várias catadupas. Em distância de um quarto de légua da freguesia de Fareja incorpora-se com o Rio Bogio, e logo com outro (de que ignoro a denominação) e todos três formam o Vizela que atravessando a ponte do Arco de Pombeiro passa junto das Caldas do mesmo nome. Em leito tão desigual e curvo tão desabrido mal se pode calcular a sua grandeza: mas creio, que em serena e plácida corrente deverá ter de Inverno, regularmente, cinco côvados de profundidade, e oito de largura, no vigor porém do Verão mingua até o ponto de não levar mais de água que três ou quatro cales de moinhos conservando todavia poços muito fundos para que é apto pela resistência, que a

corrente encontra nos penedos, principalmente nas cheias, pois não podendo deslizar-se para nenhuma das margens que não são mais que altas ribanceiras orladas de branca penedia, faz escavações medonhas, onde aguarda de Verão quantidade de água e peixes. Memorável é entre eles o poço denominado de Pisão do nome do lugar, e moinhos, que lhe ficam próximos, no qual se não podem lançar redes, nem os pescadores ousam mergulhar, porque é colocado entre penedos, e faz uma espécie de redemoinho, ou sorvedouro, que os intimida, estando por isso ali os peixes a seguro dos ardis dos pescadores só nele se pesca por meio de Abril.

Deste rio vai, nos limites da freguesia ao Nascente, uma levada, denominada a levada de Fareja; talvez porque vem regar as terras da freguesia assim chamada, ou porque nas fraldas do monte de Fareja tem o seu princípio, e por elas corre em quase toda a sua extensão. O seu leito é irregular, mas para se ajuizar da sua grandeza, basta dizer-se, que no mais rigoroso Verão não traz menos de dois bons regos de água de rega, devendo trazer no Inverno de quatro até seis. Já se vê que corre na direcção do rio, e separando-se dele, a pouco e pouco, se aproxima mais e mais do monte, e rodeando-o pelo Sul, passa por baixo do lugar dos Bacelos (limites do monte de Fareja pelo Sul) até chegar ao lugar do Marco, donde toma diversas direcções, e se reparte convenientemente, chegando a banhar a metade, ou quase a metade da Ribeira, descrita na vossa resposta e a ter de comprimento esforçada meia légua. Pelo meio desta ribeira corre um pequeno regato na direcção de Norte a Sul, o qual tem a sua origem nas vertentes do monte de Santo Antonino e depois de atravessar Fareja naquela direcção, passa nos limites de Cerzedo, e ali desagua no rio no sítio denominado Navinhos perto do qual se reúnem os três rios que formam o Vizela. Este regato adquire o nome da freguesia do seu nascimento, e daquelas por onde passa, de maneira que passando por três freguesias passa por três diferentes denominações, que são: regato de Vila Nova, de Fareja, de Cerzedo, de Inverno, regularmente, poderá ter de largura de seis a oito palmos e cinco de profundidade. Como todos os pequenos regatos, a qualquer grossa bátega de chuva,

ou chuveiros de trovoadas, que passam rapidamente, transborda do seu leito, e se espraia pelas veigas, que banha e fertiliza com o limo que deixa nas suas inundações; pena é que corra em leito tão fundo, que não alcança mais que o fundo da Ribeira. Dele saiem algumas levadas, ou espécie de levadas, que no Verão absorvem toda a água, a ponto de ficar o leito de todo enxuto, e de ser preciso ancorar ou represar a água para se poder regar; contudo rega bastante terreno, porque suposto não conte mais que o fundo da Ribeira, rega-a em todo o seu comprimento que é, como se disse na 3ª resposta, de um quarto de légua, notando-se que as terras à esquerda, ou ao Nascente são todas regadas com a levada de Fareja, que chega a misturar as suas águas com as do regato, vindo somente a serem regadas com presas as terras, que lhe ficam à direita, ou ao Poente, as quais não serão mais que a sexta parte da freguesia. Nas margens deste regato existem vários moinhos, mas só trabalham no Inverno, porque no Verão mal chega a água para as regas do pão.

Nem as cheias do regato, nem as do rio são desastrosas ou devastadores, as do rio se algum dano causam, é só empejar os moinhos que lhe ficam mais próximos, sobre os quais nada mais há a observar, senão que alguns moem a benefício da levada de Fareja, e esses, no maior auge do calor, só moem de noite, porque de dia não podem os moleiros prejudicar a água de rega.

Das fontes não há a referir a menor notabilidade, as águas são boas e de artifício não tem mais que uma mina, quando muito encanada, e uma bica de pedra, pau, ou telha para mais comodamente se aparar a água do cântaro, caneco, ou qualquer outra vasilha.

Todos os caminhos de Fareja se podem dizer pantanosos, contudo não conheço pântanos medonhos e perigosos.

Não há águas minerais, nem sequer indícios delas.

12º É adoptada a preferência a cultura do pão e do vinho, digo de preferência o pão e o vinho, porque ainda que todos os lavradores semeiem o seu trigo, centeio, painço, milho alvo e linho, contudo todos estes géneros estarão para o pão e vinho na razão de um para trinta. O arado (charrua) é o instrumento de que se servem para lavrarem a

terra; mas é de notar que há diferentes formas de arados: uns mais pequenos e mais simples chamam-se arados simplesmente, e outros maiores e mais complicados chamam-se araveças. Os primeiros servem em campos pequenos, e são puxados por uma junta de bois somente, os segundos servem nas vessadas de campos grandes, e lhes apõem três, quatro e mais juntas de bois. Lavrada assim a terra por meio do arado, lançam-lhe a semente e, com uma grade, que é um instrumento de pau, em forma quadrilonga, com dentes também de pau a quebram muito quebrada, e por fim a aplanam e alisam voltando a grade com os dentes para cima, que chamam, agradar de costas. Também usam de um instrumento chamado seitoiro, que é um pau medianamente grosso de treze a quinze palmos de comprido, com um furo onde mete um ferro em forma de espada curva, seguro por meio de cunhas, o qual puxado por uma junta de bois, ou touros, e dirigido por uma pessoa que lhe agarra por uma espécie de rabiça mais voltada para cima que a do arado, corta aquela porção de terra que a charrua deve virar, chamada seita; este instrumento não é absolutamente indispensável, mas concorre muito para a perfeição da lavoura, e todos o usam menos em campos pequeníssimos, ou terra tão ingrata que não dá esperanças ao lavrador.

Os animais empregados na lavoura são exclusivamente os bois e os touros, e com os estrumes que estes, e algumas poucas bestas e ovelhas preparam, adubam as suas terras.

A constituição física do terreno parece-me variar consideravelmente na mesma freguesia. Tenho observado, que em diferentes sítios dela aparece terra de cor diferente, e de produção desproporcionada e ainda que não posso duvidar que a água de lima melhora muito a natureza do terreno, também noto que em lugares contíguos e de igual cultura se vê terra de muita diversa natureza. Quase toda a ribeira de Fareja, que é o precioso da freguesia, é de natureza negra e argilosa, de sorte que, ao lavrar, se recamam as seitas umas sobre as outras sem se fraccionarem, em razão da sua viscosidade, é húmida, e algum tanto fria, todavia bastante produtiva, principalmente em anos de calor mais que ordinário. Em

geral o terreno de Fareja não é mau, salvas as excepções do terreno saibroso, e de uma certa terra de cor negra muito carregada, que é de todas a pior, e que não é susceptível de produção nem ainda mediana. O jornaleiro de lavoura ganha 60 réis; de 70 a 80 réis o alfaiate; 120 o carpinteiro em todo o tempo do ano.

13º Nada há que responder a este interrogatório, por não existir em Fareja o objecto dele.

14º Há em Fareja dezasseis proprietários, vinte e quatro caseiros, cinco sacerdotes, dos quais três são egressos; um cirurgião, um músico, um barbeiro, um alfaiate, dois sapateiros, oito moleiros, várias tecedeiras de linho, e vários jornaleiros ou trabalhadores de lavoura.

15º Existem no Outeiro de S. Silvestre, de que se fez menção na resposta 9ª, vestígios de uma capela em honra deste santo, de onde sem dúvida conserva o nome. Alguém da idade octogenária se lembra de ali ver as paredes meio demolidas; do que não há memória é da transladação da imagem do mencionado santo para a igreja paroquial, onde ora existe.

A origem da freguesia é assaz remota para se averiguar qual ela fosse, não encontro documento que me elucide; a tradição não a há transmitido, nem aliás consta, por maneira que, para mim é absolutamente ignorada.

Não há nos seus habitantes aquela ingenuidade e candura que caracteriza o homem de bem; é um povo reservado, e sobretudo fanático e supersticioso. Seus usos e costumes sabem pela maior parte à barbaridade dos tempos antigos: conservam muitos de gótica instituição. Na véspera do primeiro de Maio tem os mancebos de costume inviolável ir pôr de noite à porta das moças, arcos de flores e ervas cheirosas, e chamam a isto Maias.

Na véspera de S. João metem os lavradores em cada um dos seus campos um ramo de qualquer árvore, e estão persuadidos que sem esta cerimónia não podem os frutos prosperar, nem o céu abençoá-los. Muitos chegam ao ridículo de irem beber na madrugada de S. João água de cinco fontes, e rolar-se por cima dos linhos, que

deixam alastrados, a que chamam orvalhadas de S. João. Se alguém cai no descuido de não recolher os instrumentos de lavoura, por exemplo, arados, grades, escadas e caçam algum destes objectos, ou é quebrado, ou conduzido a lugares, ou sítios remotos, às vezes a freguesias alheias, e colocado no meio dos caminhos, que muito custam a desempençar.

Finalmente por um prazer tão bárbaro, dão-se ao trabalho insano de desamarrarem as cancelas e deslocá-las até aos seus gozos para as guindarem por meio de cordas às coroas de altos pinheiros e das árvores mais elevadas. Qualquer que seja a origem de tal usança, de que não é a propósito falar, a noite de 23 de Junho é aqui a noite dos diabos à solta. A sua credulidade não tem limites, uns nas suas enfermidades facilmente se lançam nos braços de embusteiros, que lhes sabem impor, desprezando a mão da arte, que os podia salvar, outros recorrem a benzedeiros que lhes vendem caro contos de almas do outro mundo, espíritos, restituições, e outros ensalmos, de que o filósofo e discreto se ri, mas que eles crêem firmemente ser causa de seus males. A famigerada benzedeira de Sande aqui estende a sua jurisdição; e oxalá fosse só em Fareja que ela contasse discípulos e prosélitos! Se chegará um tempo em que o solo português se expurgue desta casta de gente tão ofensiva da religião do Calvário, como destrutiva da moral, e da Sociedade! Às autoridades cumpre tão nobre esforço, empregando medidas repressivas já que os meios de persuasão são infrutuosos. Não, a palavra e raciocínio não impressiona almas de gelo, encanecidas no erro, calejadas no crime. Quem poderá ver, sem condoer-se, as profanações dos vasos sagrados, e dos santos altares aconselhadas por essa benzedeira, que está chamando a atenção dos nossos comprovincianos; a rústica plebe servindo-se dela para os seus fins (quantas vezes sinistros!) a classe mais ilustrada admirando-se, que um tal monstro se tolere em um país, que se diz policiado! Chegamos a ponto de ser necessário haver toda a cautela com a chave do sacrário, para não ser devassado por mãos de gente que a si própria se chama santa e inspirada!!! E que há-de fazer o homem sensato? Se a impulso da sua persuasiva pretende derrubar o

ídolo encantador de suas crenças e adorações é logo votado à excreção pública, e difamado com o labéu de ímpio, e falto de temor de Deus. E se isto fosse ao menos de boa fé!... Mas até nisto anda refinada malícia e hipocrisia. Numa palavra, se em despeito do sentir do ilustre Bossuet, falando dos costumes dos egípcios, só é credor de elogios o povo que deseja regenerar-se renunciando de bom grado os seus abusos, este povo bem longe de merecê-los, é bem digno da mais forte e severa censura.

Não se fazem romarias em Fareja, seus povos têm de costume ir à romaria da Senhora da Aparecida no sítio da Conceição da freguesia de Sanfins do Torno, concelho de Lousada, no dia 14 e 15 de Agosto. Saem de casa no dia 14 pelas duas horas, pouco mais ou menos, gastam duas a três horas em duas léguas de caminho; chegam consequentemente ali pela tarde, passam a noite ao som de descantes, e se retiram no dia 15 de manhã, que é quando se faz a função da igreja e procissão, etc.; à romaria da Senhora do Porto, que dista de aqui três léguas, creio que no concelho da Póvoa de Lanhoso (ignoro a freguesia), no dia 7 e 8 de Setembro, seguindo em tudo o mesmo rumo que na supradita; ir acompanhar a Senhora da Lapinha à vila de Guimarães, cuja procissão não tem dia certo e determinado, e é um voto que o fundador e dotador daquela capela deixou para cumprir-se anualmente, legando-lhe alguns centos mil réis que postos a juros, convenientemente se aplicassem à manutenção da capela a uma festividade anual dentro dela, e à dita procissão, que saindo da Lapinha pelas 9 horas, pouco mais ou menos, entra em Guimarães pelo lado da Cruz da Argola, pela uma, com pouca diferença, e se dirige a Colegiada de onde sai pelas três da tarde acompanhada pelos cônegos até à porta da vila, recolhendo-se em oposto e diverso trânsito, junto das Avé Marias, depois de três léguas de extensão: o povo desta procissão recolhe no mesmo dia. Finalmente costumam ir à romaria da Senhora das Neves na Serra da Lagoa da freguesia de Varzeacova, concelho de Fafe, distante duas léguas, no dia 5 de Agosto, romaria célebre pelo número de homens e mulheres que ali concorrem carregados de diabos, e mal encontram reverendos

caridosos, que penetrados do zelo do seu ministério e do amor do próximo lhos tiram, e conjuram, mediando a bendita esmola, além de missas, mais luzidas e avultadas, que são essas mais propiciatórias e mais eficazes... É para ver o que ali se faz de trejeitos, e carantonhas! Só por isto ali vão muitos curiosos, é a Romaria dos Diabos, mas diabos ali não fazem vasa.

Os seus vícios dominantes são: o excesso venéreo, o roubo, a murmuração e a avareza. São devotos e assíduos no culto divino, mas não posso qualificar de virtude e piedade esta devoção que exercitam menos com espírito de religião, que por vã glória e mera exterioridade. Prova é desta verdade os ditérios picantes com que nas procissões de preces investem as pessoas das freguesias alheias, exprobrando-lhes, que os seus santos não fazem milagres, e entretendo assim malignas rivalidades, que degeneram em ódios, com vícios, e afrontas ao próximo, e à mesma religião, que pretendem ou inculcam honrar com prática tão iníqua, como extravagante.

Desde tempos que a população tem diminuído, ou se acha estacionária, talvez porque os elementos da higiene pública são desconhecidos ou desprezados. Não há a referir mais curas notáveis de brutos, nem de homens. No sentido inverso algumas podia memorar, mas... não seria isso a propósito, nem (Deus me livre!) me reservo a ofício de delator: desengane-se o povo à custa da sua triste e tardia experiência.

São os homens de mediana estatura, salvas as exceções e desigualdades que são inerentes à natureza, bem conformados, quanto à robustez: de força regular, mas de fisionomia tão antipática, que sem os preceitos do príncipe dos fisionomistas, bem se conhece por fora o que lá vai por dentro.

A sua duração ordinária é de setenta a oitenta anos devida mais à salubridade dos ares do que ao asseio individual, polícia e [*ilegível*] da arte. Além da epidemia da gripe, desde muitos tempos que não tem grassado epidemias ordinárias, nem extraordinárias, e tenho observado que as pleurizes, catarrais e pneumonias, entre as agudas,

e as tísicas, hidropisias entre as crónicas, são as que levam mais gente à sepultura.

Os seus divertimentos favoritos são os serões de toda a espécie, tais como: esfolhadas, espadeladas, estopadas, aos quais concorrem os mancebos disfarçados em trajes exóticos, e onde ao toque de rabecas, violas, e clarinetes, cantam, e dançam a chula, e outras danças grotescas, e se conversam os namorados, são estas as suas companhias, e os seus bailes. Pelo entrudo enlouquecem formalmente, põem em jogo: pós, água, laranjas, limões, combustíveis, e outros divertimentos bárbaros e brutais que eles tornam ainda mais bárbaros, e de que ordinariamente resultam desastres e dissabores; também fazem as suas mascaradas e entremeses grotescos, que grotescamente desempenham. Fareja na sua generalidade pode dizer-se pobre, porque além de não ter pessoas de comércio, nem brasileiros, os lavradores, que são poucos em número, como se disse na resposta 14^o, são medíocres nos seus teres, e as outras classes minimamente pobres. Na higiene pública, com zelo e vigilância das autoridades, pode haver grande melhoramento: nos mais objectos não vejo elementos, nem proporções para ele.

16^o A igreja é colocada nas fraldas do monte de Fareja na vertente ao Poente, e voltada para a ribeira, que limita o monte por este lado (resposta n^o 1), um nada mais para Sul de maneira, que da direcção da igreja para os limites da freguesia pelo Norte é um pouco mais de extensão, do que da direcção dela para os seus limites pelo Sul. A sua construção é tão simples, como tosca, e denota grande antiguidade. Quem fosse paleólogo poderia ajuizar, sem notável diferença, da sua antiguidade, por uma pedra, que se vê num dos lados da porta principal a qual não tem inscrição, mas certas molduras que, ainda que simples não aparecem senão obras antiquadas. A porta principal é voltada ao Poente, e em forma de arco, o que mais me confirma na ideia de que é antiga: as paredes são de pedra de galho grosso muito pouco polidas, e só nas juntas rebocadas. Tem a nave esquerda duas frestas de quatro polegadas de largura e quatro palmos de altura, e a nave direita outras duas frestas da mesma altura, porém

de quase um palmo de largura, donde se pode inferir a escassa luz que deve ter, não havendo donde receba mais que da porta principal, e da travessa que fica na nave direita, e também muito acanhada. Tem de comprimento quarenta e quatro palmos, trinta e cinco de largura, de altura vinte e sete por dentro, não tem adornos dignos de mencionar-se. Em cima da principal está firmado um sino, digo campanário, que sustem um sino para onde se sobe por uma escada de pau encostada à nave esquerda. O sino ainda que pequeno é ouvido de toda a freguesia, menos dos habitantes das margens do rio (moleiros) que podem considerar como um ramo destacado da freguesia de que ficam separados pelo monte. A capela-mor não tem mais que meio século, segundo o testemunho de pessoas sexagenárias que lhe são contemporâneas. Tem de comprimento trinta e quatro palmos, trinta e dois de largura, vinte e quatro de altura. Os cunhais são apilarados, a cornija tem molduras muito simples, mas polidas, de resto é coberta de cal. Por dentro é decentemente ornada, e muito mais airosa que a igreja, a benefício de uma fresta de cada lado, de quatro palmos de largura, e seis de altura cada uma.

Há três altares: o altar-mor, onde estão colocadas, além de um crucifixo, as imagens de S. Martinho ao lado de evangelho, por ser este o Santo da Invocação e do Deus-Menino ao lado da epístola e os dois colaterais, um de Nossa Senhora do Rosário, e outro de S. Sebastião, onde estão colocadas as imagens do Senhor do Bonfim, da Senhora das Dores, de Santo António e S. Silvestre.

Não há mais que a irmandade de Nossa Senhora do Rosário com o fundo de quase quatrocentos mil réis, o número dos Irmãos é incerto e indeterminado: na actualidade é de trinta e seis, tendo já subido a quarenta. É dos estatutos e estilo fazer-se em cada ano a eleição dos mesários, que são: juiz, tesoureiro, secretário, procurador, e dois mordomos, seguindo sempre o giro do costume. Os estatutos prescrevem uma festa anualmente de sermão e missa cantada, mas sempre se faz com maior pompa e solenidade. Na véspera desta festa convocam-se dez clérigos para celebrarem o aniversário pelos vivos e defuntos, os quais tem mais os sufrágios de uma missa em cada um

dos primeiros Domingos do mês, dita no altar da Senhora com ladainha da mesma, e procissão em volta da igreja. Por morte de cada Irmão, vinte e cinco missas. Há nesta irmandade um legado, que instituiu João Dias, legando-lhe doze alqueires de pão meado, que os seus herdeiros são obrigados a pagar-lhe em cada ano, com obrigação de se lhe dizerem oito missas anualmente pela sua alma.

A igreja não consta ter estado em outra parte; seu apresentador era o D. Prior da Real Colegiada da vila de Guimarães. A cõgrua do pároco até 1834 era paga pelo rendeiro da dizimaria, e constava em dinheiro de trinta e dois mil réis, que com certas medidas de pão meado, oblatas e pé de altar poderia perfazer o rendimento anual de setenta a oitenta mil réis, devendo ser o da dizimaria de trezentos a quatrocentos mil réis. A residência não dista mais que vinte passos do adro, porém pobre e acanhada.

17º Todos estes quesitos examinei com a devida atenção, e sinto não me ser possível responder, cabalmente a uns por não estarem ao alcance da minha capacidade a outros por falta invencível dos necessários esclarecimentos. Na nomenclatura, e classificação dos vegetais, e particularmente das ervas medicinais, é que eu me apercebo das maiores inexactidões, além de infinidade delas, que naturalmente deixaria de enumerar por as não conhecer, nem saber as suas denominações, e desgraçadamente não ter a quem recorresse para me prestar auxílios numa matéria tão alheia da minha profissão, pois que o cirurgião da freguesia é tão perito nela, que já dele se viu, numa botica, uma fórmula em que pedia macela e mais abaixo camomila, sem dúvida por ignorar que era uma e a mesma coisa. Eu não sei que haja ignorância mais crassa, nem impostura mais requintada. Se ao menos não excedesse as raias de um simples curandeiro, ou se limitasse as aplicações do Doutor Sangrado! Não se exige, que as autoridades adivinhem: mas quando advertidas, por pessoas insuspeitas parece haver direito o esperar-se da sua humanidade, interesse e zelo pelo melhor bem dos povos, a mais séria circunspecção no exame e revisão das cartas de tais charlatães, que não as tendo, nem delas usando até a Instituição da Escola Médico-

Cirurgica na cidade do Porto, bem se vê que não podem ser legítimas e autênticas: na tolerância, e patronato do charlatanismo, o seu comportamento seria inescusável. Se neste e noutros artigos tenho exorbitado algum tanto do interrogatório e da matéria nele prescrita, declaro francamente que longe de personalidades, o tenho feito por dobrados motivos, pois não só me cheguei a convencer da sua utilidade, mas me vi forçado a transigir com o meu génio, que me não consente perdoar a infames benzedadeiras, nem a vis impostores, assassinos galardoados da espécie humana. Não é zelo farisaico: é verdadeiro interesse, que nisto, assim como no demais, marchemos a par da civilização do século, em vez de volvermos à grosseira ignorância dos tempos bárbaros.

Já não falo da impropriedade do estilo, esse defeito eu mesmo me adverti, e me esforcei em corrigi-lo, chamando-me das galas poéticas e românticas para a simplicidade, e precisão histórica. Todavia, com quanto veja mais ou menos florido, ou impolado, mais ou menos impróprio, em nenhum caso julgo haver alterado essencial, ou acidentalmente os factos, e os objectos.

Quanto o permitem as minhas forças, tenho respondido com exactidão, e verdade, e para autenticidade de quanto deixo escrito, se necessário for, jurarei *in sacris*.

Fareja, 21 de Dezembro de 1842

Na falta do pároco: o pároco Joze Soares Machado

Passando em revista as respostas aos interrogatórios históricos geográficos sobre a freguesia de Fareja, adverti, que além de muitos erros e irregularidades de ortografia e vícios, que passaram na rapidez com que foram escritas, na resposta 7^a deixei de enumerar entre as aves indígenas o corvo, entre as árvores frutíferas, a figueira, a noqueira, a oliveira, entre as ervas e plantas odoríferas, a malva de cheiro, o serpão, entre as flores a romã, o lírio, a açucena e finalmente entre as ervas medicinais, *Centaurea menor*, vulgo, fel da terra e a tenchagem.

Bem mister era uma cópia mais pausada, correcta e limpa de vícios, mas na falta de tempo, que me falhou advertidos eles, assim a deixo ir, confiando, como devo na indulgência de quem ler. Se algum parecer, que ponho demasiado cuidado se me desculpar, a esse direi, que só tive desejo de responder com exactidão, e por isso não omiti declaração que à mesma julgasse interessar.

Soares Machado

MAPA ESTATÍSTICO		Freguesia de S. Martinho de Fareja				
		1838	1839	1840	1841	
Casados	Homens	53	54	51	54	
	Mulheres	53	54	51	54	
Viúvos		8	9	5	6	
Viúvas		12	12	11	9	
Solteiros	Com menos de 30 anos de idade exclusive	Homens	98	102	106	99
		Mulheres	112	115	118	114
	Com mais de 30 anos de idade exclusive	Homens	7	6	6	5
		Mulheres	16	15	15	14
Totalidade		359	367	363	355	
Nascidos	Sexo Masculino	5	10	3	7	
	Sexo Feminino	3	11	2	6	
	Expostos	0	0	0	0	
Mortos	Sexo Masculino	2	1	1	3	
	Sexo Feminino	2	1	1	4	
	Expostos	0	0	1	0	
Casamentos		2	1	1	2	
Fogos		83	85	84	88	

S. Martinho de Fareja, 21 de Dezembro de 1842
Na falta do pároco: o pároco Joze Soares Machado